



## O INTERESSE DE CALVINO PELA LITERATURA SAPIENCIAL

*Daniel Santos Jr.\**

### RESUMO

Este artigo investiga a utilização e o interesse de Calvino pela literatura sapiencial do Antigo Testamento, tentando identificar um perfil exegético que governe tal uso. Evitando apresentar uma simples lista de ocorrências em forma de índice de citações, o artigo se propõe a identificar padrões de interesse e uso que o reformador manifesta à medida que constrói seu argumento teológico nas *Institutas*. O presente estudo visa contribuir para um despertar do interesse pela literatura sapiencial do Antigo Testamento, um interesse guiado pelo perfil exegético do grande reformador de Genebra.

### PALAVRAS-CHAVE

Literatura sapiencial; Calvino; Intertextualidade.

### INTRODUÇÃO

A seção do cânon designada como literatura sapiencial inclui os livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes. O propósito deste breve estudo é fazer um levantamento *ilustrativo* do interesse e abordagem utilizados pelo reformador em relação a esse gênero literário, ao invés de explorar o tema exaustivamente. Os exemplos são retirados principalmente das *Institutas*.<sup>1</sup> Evitando apresentar

---

\* O autor é professor de Antigo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e na Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo já contribuído com outros artigos para *Fides Reformata*. É doutor em estudos teológicos no Antigo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School (2006), mestre em estudos exegéticos no Antigo Testamento pelo Covenant Theological Seminary (2000), membro do conselho regional da Langham Partnership International na América Latina e delegado do Brasil no Congresso de Lausanne 2010 em Cape Town.

<sup>1</sup> Todas as referências às *Institutas* são feitas a partir de: CALVIN, John, *The Institutes of the Christian Religion*. Trad. Ford Lewis Battles. Grand Rapids: Westminster Press, 1965. As citações seguem o padrão livro-capítulo-seção (e.g., I.13.7), sendo as traduções, quando fornecidas, do próprio autor deste estudo.





uma simples lista de ocorrências, o estudo se propõe a identificar padrões de interesse e uso que o reformador manifesta à medida que constrói seu argumento teológico em sua obra magna. O estudo visa despertar o interesse pela literatura sapiencial do Antigo Testamento, um interesse guiado pelo perfil exegético dos reformadores.

De maneira geral, os reformadores não fizeram grandes contribuições para um estudo mais detalhado e aprofundado dos livros sapienciais. As poucas referências a eles são na verdade citações de textos isolados para compor um argumento já fundamentado em outros lugares do cânon. O próprio Calvino não chegou a escrever comentários sobre quaisquer desses três livros. No caso do livro de Jó, há somente uma coletânea de sermões sobre algumas passagens selecionadas.

Parte do silêncio observado no estudo dos livros sapienciais do Antigo Testamento tem a ver com a natureza desses livros – eles são, à primeira vista, despidos de uma conexão direta e explícita com o restante do cânon. Como contornar, por exemplo, o fato de o livro de Provérbios não fazer nenhuma referência sequer aos patriarcas, ao Sinai, à lei mosaica, ao tabernáculo, ao sacerdócio, aos profetas, ao cativeiro babilônico ou ao retorno do exílio? É possível contornar esse fato, mas é importante que haja maior interesse em desvendar tal mistério e formular uma abordagem teológica que sincronize a teologia dos livros sapienciais com a teologia com a qual já estamos tão familiarizados no restante do cânon. Rompendo com esse cômodo desinteresse, Calvino recorre a porções de Provérbios, por exemplo, para fundamentar e demonstrar questões prementes como a divindade e a eternidade de Cristo. Dentre tantos outros textos das Escrituras, o reformador utiliza não apenas versos isolados de Provérbios, mas também argumentos longos e complexos encontrados no livro. Para uma análise mais coerente do uso que ele faz, precisamos rever abreviadamente alguns traços peculiares da literatura sapiencial.

## 1. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS PECULIARES DA LITERATURA SAPIENCIAL

O gênero literário encontrado nos livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes é especial para nossa investigação por causa de dois elementos pelo menos: o elemento transcultural e o elemento a-histórico.

A primeira característica peculiar da literatura sapiencial no Antigo Testamento é a sua interface transcultural. Ao ler qualquer um dos livros sapienciais, os valores e princípios estritamente culturais do judaísmo primitivo não se interpõem entre o leitor e o texto; antes, cada leitor em sua respectiva cultura se sente como se estivesse lendo algo escrito para sua cultura. O caráter transcultural da sabedoria do Antigo Testamento, especialmente sua suposta conexão com a literatura de instrução do Egito, foi estabelecido desde que E.



A. W. Budge publicou os famosos *Ensinamentos de Amenemope*.<sup>2</sup> Entretanto, a sabedoria de Israel é única quando estabelece o temor do Senhor como sua fonte (Pv 1.7; 9.18; Jó 28.28; cf. Ec 12.13-14), e é esse conceito, como Nel defende,<sup>3</sup> que representa o princípio religioso central na literatura sapiencial. Além do mais, já que as leis, os hinos e outros tipos de literatura de Israel também manifestam conexões com o antigo Oriente Próximo, essas conexões não podem ser vistas como as únicas marcas distintivas da literatura sapiencial.

Como já mencionamos anteriormente, o preço inicial dessa perspectiva teológica dos livros sapienciais é o quase absoluto silêncio com respeito aos personagens e eventos característicos da história da redenção. A razão subjacente a essa perspectiva não pode de modo algum ser subestimada e tratada como uma versão mais leve e ingênua de um assunto que a lei, os profetas e os evangelhos trataram com a devida seriedade. Se tomarmos como exemplo o relato da criação, o discurso da Sabedoria no livro de Provérbios lança os fundamentos para o entendimento mais detalhado de como Cristo participou do ato criador (cf. Pv 8.22-32). As informações contidas nesse trecho das Escrituras e a maneira como elas são apresentadas revelam esse aspecto do ato da criação com um nível de detalhes que nenhum outro livro do cânon apresenta. O prólogo do Evangelho de João, por exemplo, parafraseia essa mesma verdade dizendo que “por meio dele foram feitas todas as coisas” (Jo 1.3). Nem mesmo o relato da criação no livro de Gênesis dedica uma atenção específica e explícita à participação do Verbo no ato da criação como o faz Provérbios.<sup>4</sup> Logo, a constatação de que a literatura sapiencial contém um *visual teológico* despidido dos elementos comumente encontrados no restante do cânon não faz de Jó, Provérbios e Eclesiastes livros com menor valor na formulação teológica. O propósito desse *visual teológico* era, na verdade, tornar o temor do Senhor acessível a outros povos, ou seja, fazer desses livros a porta de entrada para o “estrangeiro” ter acesso ao Deus de Israel. Como veremos adiante, Calvino parece ter percebido isto e utiliza exatamente essa passagem de Provérbios 8 para formular um de seus argumentos.

<sup>2</sup> BUDGE, E. A. W. *Facsimiles of Egyptian Hieratic Papyri in the British Museum*. 2d series. London: British Museum, 1923, placas I-XIV.

<sup>3</sup> NEL, P. J. The Structure and Ethos of the Wisdom Admonitions in Proverbs. *BZAW* 158 (Berlin and New York: de Gruyter, 1982), p. 127.

<sup>4</sup> O debate que tenta definir e entender interferências questionáveis da literatura sapiencial em outras partes do Antigo Testamento pode ser acompanhado em EMERTON, J. A. Wisdom. In: ANDERSON, G. W. (Org.). *Tradition and Interpretation: Essays by Members of the Society for Old Testament Study*. Oxford: Clarendon, 1979, p. 221; GORDON, R. P. A House Divided: Wisdom in Old Testament Narrative Traditions. In: DAY, J.; GORDON, R. P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Orgs.). *Wisdom in Ancient Israel: Essays in Honour of J. A. Emerton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 94-105; SOGGIN, J. A. Amos and Wisdom. In: *Ibid.*, p. 119-23; MACINTOSH, A. A. Hosea in the Wisdom Tradition: Dependence and Independence. In: *Ibid.*, p. 133-41; MCKANE, W. Jeremiah and the Wise. In: *Ibid.*, p. 142-52; MASTIN, B. A. Wisdom and Daniel. In: *Ibid.*, p. 161-69.

O segundo elemento característico da literatura sapiencial é o seu desvencilhamento de eventos e personagens centrais da história da redenção. A esse respeito, Murphy observa: “Uma das características mais intrigantes dessa literatura é a ausência daquilo que alguém consideraria como tipicamente israelita ou judaico. Não há nenhuma menção às promessas aos patriarcas, ao Êxodo e a Moisés, à aliança e ao Sinai, à promessa a Davi (2 Sm 7) e assim por diante”.<sup>5</sup> À primeira vista essa afirmação pode parecer contraditória, já que os livros de Provérbios e Eclesiastes iniciam apresentando o autor como um personagem histórico deveras conhecido em Israel e, no caso de Jó, um personagem histórico conhecido em “todo o oriente” (Jó 1.3). Entretanto, o desvencilhamento histórico referido acima tem a ver com a mensagem do livro: os argumentos e as idéias apresentados nesses livros não estão ligados a nenhum momento histórico específico.

Quando a descrição dos cenários e situações é feita em forma poética, o elemento determinante para a compreensão parece não se tornar obsoleto ou anacrônico. Recordo-me de uma estratégia bem sucedida de alguém que transformou num adesivo o pequeno provérbio “a sanguessuga tem duas filhas: dá e dá” (Pv 30.15). Na ocasião, havia sido instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o superfaturamento na aquisição de ambulâncias – o apetite da corrupção política parecia não ter fim. A CPI foi ironicamente denominada “CPI dos sanguessugas”. Ao se transformar aquele pequeno provérbio em um adesivo automotivo, o provérbio originalmente formulado por Agur reteve seu elemento determinante mesmo quando transportado para um contexto distinto do original. Atraídos pela palavra que se tornou manchete (sanguessugas), os leitores brasileiros do século 21 puderam se beneficiar da mesma mensagem central sobre a qual Agur construiu seu provérbio, a saber, que o apetite de algumas pessoas parece não ter fim. É esse tipo de desvencilhamento histórico que observamos na literatura sapiencial do Antigo Testamento.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> MURPHY, R. E. *The Tree of Life: An Exploration of Biblical Wisdom Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994, p. 1.

<sup>6</sup> Sugiro algumas leituras que poderão expandir o tema na direção iniciada nesse parágrafo: FOX, Michael V. *Time to Tear Down & Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999; HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament: with a comprehensive review of Old Testament studies and a special supplement on the Apocrypha*. Grand Rapids: Eerdmans, 1985; WEEKS, Stuart, *Early Israelite Wisdom*. Oxford: Oxford University Press, 1999; KIDNER, Derek. *The Wisdom of Proverbs, Job & Ecclesiastes: An Introduction to Wisdom Literature*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1985; PERDUE, Leo G. *Wisdom & Creation: the theology of wisdom literature*. Nashville: Abingdon Press, 1994; MURPHY, *The Tree of Life*; BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. (Orgs.). *The Faces of Old Testament Studies: A Survey of Contemporary Approaches*. Grand Rapids: Baker Books, 1999; WHYBRAY, R. N. *Wisdom in Proverbs: the concept of wisdom in Proverbs 1-9.45*. London: SCM Press, 1967; MURPHY, Roland E. *Ecclesiastes*. Dallas: Word Books Publishers, 1992.

## 2. DOIS TIPOS DE USO DA LITERATURA SAPIENCIAL

A natureza dos textos sapienciais varia de livro para livro (dentro desses três) e às vezes dentro do mesmo livro encontramos dois tipos diferentes de textos. A compreensão exata dessa diferença será fundamental para entendermos o uso que Calvino faz dos textos sapienciais. A essência dessa diferença pode ser ilustrada e melhor compreendida se pensarmos na diferença entre uma *peça de lego* e uma *peça de quebra-cabeça*.

### 2.1 Usando as Escrituras como peças de um lego

Uma *peça de lego* é utilizada dentro de padrões pré-estabelecidos de tamanho e forma de encaixe. Uma peça de lego só pode ser encaixada em outra se o padrão de encaixe for o mesmo. Obedecida essa regra básica, é possível fazer uso das peças de um lego para construir praticamente qualquer coisa. Assim sendo, o processo de construção com legos tem duas etapas: a compatibilidade do encaixe e a quantidade de sobreposição de um lego sobre o outro. Num lego de seis pinos, por exemplo, podemos unir duas peças encaixando apenas três pinos, obtendo assim uma forma desejada.

O caso de Provérbios 10.7 pode ser um bom exemplo dessa primeira categoria. Quando ilustra a diferença do destino do justo em relação ao ímpio, Calvino constrói um argumento para demonstrar o destino dos santos no Antigo Testamento com textos como “Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos” (Sl 116.15), junto com “Ele guarda os pés dos seus santos, porém os perversos emudecem nas trevas da morte” (1 Sm 2.9). O texto de Provérbios 10.7: “A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão”, vem apenas expandir e ilustrar um tema já fundamentado em outras seções da Escritura. A característica desse uso em particular é um exemplo claro daquilo que podemos fazer com uma peça de lego. Após ter respeitado os princípios básicos de encaixe, o texto pode ser utilizado para construir um argumento em direção bastante diferente daquela proposta originalmente pelo autor daquele provérbio em particular. No caso de Provérbios 10.7, os pontos de encaixe principais são os termos “justo” e “perverso”, criando um contexto de comparação baseado no contraste – aquilo que é aplicado ao justo não se aplica ao perverso. Uma vez que nos certificamos da compatibilidade do encaixe, partimos para a decisão da quantidade de sobreposição que será utilizada.

Os termos “memória” (do justo) e “nome” (dos ímpios) estão sendo utilizados por Calvino de maneira mais abstrata, explorando o precioso valor pedagógico de uma boa comparação. Ou seja, não há como dizer que o autor daquele provérbio estava necessariamente pensando em questões soteriológicas, nem mesmo no livro de Provérbios como um todo. Assim, o ponto de encaixe se restringe ao contexto de comparação geral do provérbio. Quando comparamos os elementos contidos nos outros textos selecionados, os pontos

de encaixe respeitam esse contexto de comparação. No caso de 1 Samuel 2.9, “santos” e “perversos” se encaixam perfeitamente com “justos” e “perversos”, enquanto que os demais elementos permanecem num nível de comparação mais abstrato. No caso do Salmo 116.15, apenas um elemento de encaixe foi utilizado – “justo”. Não há realmente nenhuma relação direta entre os demais elementos. A “memória” (Pv 10.7) não se encaixa com os “pés” (1 Sm 2.9), que também não se encaixam com a “morte” (Sl 116.15), mas todos os três substantivos contribuem para uma descrição comparativa associada ao “justo”, enquanto que “nome” e “mudez” contribuem para uma descrição comparativa associada aos ímpios.

Mesmo não podendo encaixar esses elementos de maneira direta e literal, uma figura geométrica pode ser montada com apenas dois encaixes. De igual modo, Calvino também monta um argumento que respeita o contexto de comparação “justo-ímpio” e explora de maneira figurada os aspectos que não se encaixariam. O resultado final pode ser claramente percebido: a relação entre “memória/pés/morte” se torna evidente com base não nos textos isolados, mas na forma final do argumento construído por Calvino.

Essa primeira natureza da literatura sapiencial não pode se confundir com aquilo que há décadas tem sido referido como “autonomia semântica” das palavras de um texto – um esforço velado para banir a intenção do autor.<sup>7</sup> Na verdade, esta primeira utilização da literatura sapiencial não vale nem mesmo para o livro de Provérbios como um todo. Os primeiros nove capítulos do livro são longos discursos da Sabedoria, com cenários mais elaborados que não podem ser reduzidos numa única sentença, como é o caso de Provérbios 16.1. Isso significa que a utilização referida acima só funciona com um texto cuja estrutura pode ser compactada em um versículo apenas. De maneira geral, os provérbios contidos na seção que vai de 10.1 a 29.27 são em sua grande maioria construídos para uma utilização do tipo peças de lego. Os capítulos 10.1 a 22.16, por exemplo, contém 375 provérbios, todos (exceto um, Pv 19.7) construídos em apenas uma linha que é dividida em dois versets.

Os exemplos do uso que Calvino faz dessa seção de Provérbios e de partes de Eclesiastes são muitos, como um índice de citações bíblicas de qualquer tradução das *Institutas* pode demonstrar. Dentre os padrões que mais se repetem, listamos alguns a seguir:

- a. *Eclesiastes 12.7*: “... e o espírito volte a Deus que o deu”. Calvino cita esta passagem para construir seu argumento que explica a distinção entre os termos *espírito* e *alma* quando aparecem juntos no mesmo texto ou isoladamente. Embora o texto de Eclesiastes nem sempre seja construído em pequenas sentenças como nesse caso, o exemplo

<sup>7</sup> Cf. HIRSCH, E. D. *Validity in Interpretation*. New Haven: Yale University Press, 1967, p. 7-23.

é imediatamente associado com um texto do Novo Testamento (Lc 26.46; At 7.59).<sup>8</sup>

- b. *Provérbios 20.12*: “O ouvido que ouve e o olho que vê, o Senhor os fez tanto um como o outro”. Calvino também cita com frequência passagens de estrutura compacta como essa, juntamente com paralelos dentro do próprio livro, antes de usá-las numa argumentação. Neste caso em particular, ele usa com *Provérbios 21.1*: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina”.<sup>9</sup>
- c. *Jó 28.28 – Provérbios 1.7 (Sl 111.10)*: um uso bastante instrutivo é aquele em que Calvino mapeia o tratamento de um tema em diversos livros sapienciais e usa tal mapeamento para interpretar um texto fora do livros sapienciais. Nesse caso, ele define o duplo sentido da expressão “temor do Senhor”, já que Deus tem o direito de ser reverenciado como “pai” e “senhor”.<sup>10</sup> Segundo Calvino, ao *pai* devemos a honra e ao *senhor* o temor.

## 2.2 Usando as Escrituras como peças de um quebra-cabeça

Uma *peça de quebra-cabeça* é, de igual modo, utilizada dentro de padrões pré-estabelecidos de tamanho e forma de encaixe. Talvez mais do que o lego, as peças de um quebra-cabeça são criteriosamente regidas pelo tamanho das peças e a forma que elas assumem em cada um dos seus lados. As variáveis envolvidas nas peças são enormes, mas há algo característico da peça de um quebra-cabeça que não está presente no lego, a saber, a imagem final a ser obtida. No caso do quebra-cabeça, além da complexidade e da rigidez das regras de encaixe, devemos ainda atentar para a imagem final que está sendo contruída na superfície. Em alguns casos pode até ser possível coincidir todos os encaixes de uma peça do quebra-cabeça, mas a imagem impressa na superfície denuncia o uso irregular daquela peça naquele local. Em outras palavras, o encaixe não é tudo. Haverá casos até de ter que “forçar” uma peça (pode acontecer com quebra-cabeça muito antigo ou muito novo) em um determinado local por causa da inquestionável evidência proporcionada pela imagem na superfície.

Um bom exemplo desse uso é a utilização que Calvino faz dos discursos da Sabedoria em *Provérbios*. Quando tratando da eterna divindade do Filho (I.13.7), os textos sapienciais são utilizados como estrutura principal do argu-

<sup>8</sup> CALVINO, *Institutas*, I.15.2. O mesmo acontece em II.2.10, onde *Provérbios 3.34* é citado em paralelo com *Tiago 4.6*.

<sup>9</sup> CALVINO, *Institutas*, II.4.7.

<sup>10</sup> *Ibid.*, III.2.26. Cf. também III.4.32.



mento que comprova essa divindade. O trecho de Provérbios de onde Calvino retira sua argumentação está fortemente vinculado a uma figura mais complexa da Sabedoria retratada como uma mulher que discursa aos insensatos. A esse respeito Calvino postula inicialmente que a palavra de Deus apresentada a nós nas Escrituras não deve ser compreendida como algo etéreo, que, uma vez fora de Deus, se propaga e desvanece no ar. Antes, “a Palavra significa uma *sabedoria eterna*, residindo com Deus, de onde procedem tanto os oráculos como as profecias”.<sup>11</sup> Calvino irá tentar comparar a eternidade da sabedoria descrita em Provérbios 8 com a eternidade do Verbo (Cristo).

Para que essa comparação aconteça, três pontos importantes são levados em consideração: 1) o Verbo é uma *sabedoria eterna*, 2) o Verbo é uma sabedoria eterna *que reside com Deus* e 3) o Verbo eterno que reside com Deus é a fonte de todas as profecias e oráculos contidos nas Escrituras. Calvino parece não ter a menor dúvida de que o texto de Provérbios 8 esteja falando realmente do Verbo de Deus, mas monta seu argumento para demonstrar a divindade do Verbo com base na divindade daquele que fala em Provérbios 8. Além disso, ele cita o prólogo do Evangelho de João para fundamentar sua conclusão dentro de um escopo mais amplo do progresso da redenção, ou seja, ele acredita que essa identificação da Sabedoria de Provérbios e o Verbo não é algo criado por ele. A utilização que Calvino faz de Provérbios 8 ilustra um modelo diferente de aplicação, um modelo que lança mão de uma parábola completa. Ao comparar o Verbo com a sabedoria de Provérbios 8, Calvino preserva e depende das figuras e aspectos previamente explorados no discurso figurado da Sabedoria:

<sup>22</sup> O SENHOR me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. <sup>23</sup> Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra. <sup>24</sup> Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. <sup>25</sup> Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci. <sup>26</sup> Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões, nem sequer o princípio do pó do mundo. <sup>27</sup> Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo; <sup>28</sup> quando firmava as nuvens de cima; quando estabelecia as fontes do abismo; <sup>29</sup> quando fixava ao mar o seu limite, para que as águas não traspassassem os seus limites; quando compunha os fundamentos da terra; <sup>30</sup> então, eu estava com ele e era seu arquiteto; <sup>31</sup> dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo; <sup>31</sup> regozijando-me no seu mundo habitável e achando as minhas delícias com os filhos dos homens (Pv 8.22-31).

Como podemos ver, o discurso trata de diversos assuntos enquanto constrói o argumento principal que é a eternidade da Sabedoria. Contudo,

<sup>11</sup> CALVINO, *Institutas*, I.13.7.





para que Calvino possa comparar a Sabedoria com o Verbo (Cristo), ele terá que agregar todas as ramificações do argumento como ele se encontra no discurso de Provérbios. O primeiro passo, então, se dá com a identificação direta da Sabedoria com o Verbo – “o Verbo significa uma sabedoria eterna”, diz Calvino.<sup>12</sup> Duas peças de um grande e complexo quebra-cabeça foram encaixadas. Qual a justificativa para essa conexão? Será que o restante das Escrituras apoiaria esse encaixe que acabou de ser feito? Neste mesmo trecho das *Institutas* Calvino dá o segundo passo e cita 1 Pedro 1.10-11, dando a entender que o “Espírito de Cristo”, que possibilitou aos profetas testificarem de antemão sobre os sofrimentos do Filho, é a própria sabedoria que fala em Provérbios 8. “Na verdade”, diz Calvino, “porque Cristo não tinha ainda sido manifestado, é necessário entender o Verbo com gerado do Pai antes do tempo. Mas se aquele Espírito, cujos órgãos eram os profetas, era o Espírito do Verbo, podemos inferir sem a menor sombra de dúvida que ele era verdadeiramente Deus”.<sup>13</sup> Além disso, Calvino também cita João 1.1-3 para confirmar a participação do Verbo no ato da criação. De igual modo, João 5.17 é citado para comprovar que desde o princípio o Verbo tem trabalhado com o Pai. É curioso que em seu comentário de 1 Coríntios Calvino não faz a mesma associação da *sabedoria de Deus* com o Verbo, da maneira como ele o faz aqui. Comentando 1 Coríntios 1.21, ele interpreta a “sabedoria de Deus” como a *obra* da criação que espelha o caráter do seu criador.<sup>14</sup> Assim sendo, o uso desse discurso da sabedoria demonstra uma utilização do tipo “peças de quebra-cabeça”, no qual a imagem final (e original) obtida pelas peças individuais controla o uso e aplicação em contextos diferentes daquele originalmente idealizado pelo autor. Observar esse tipo de uso nas *Institutas* é ainda mais relevante já que a natureza apologética do seu argumento permitiria uma citação aleatória de textos bíblicos.

Outro exemplo desse tipo de utilização é encontrado no prefácio dedicado ao rei da França, no qual Calvino se opõe ao mau uso de Provérbios 22.28: “Não removas os marcos antigos que puseram teus pais”. Aqueles que se opunham ao ideal dos reformadores citavam esse provérbio contra os reformadores, acusando-os de remover os marcos estabelecidos pelos pais da igreja.<sup>15</sup> Inicialmente, o argumento parece preservar a mensagem central do provérbio, já que o ato de remover conceitos e tradições pré-estabelecidos pode ser observado no ideal protestante. Entretanto, Calvino argumenta que se os seus oponentes realmente estivessem observando o contexto mais amplo

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> CALVINO, *First Corinthians*, p. 19.

<sup>15</sup> CALVINO, *Institutas*, p. 69.



daquela aplicação do provérbio (a imagem na superfície do quebra-cabeça), eles veriam que o uso era incoerente. “Se eles gostam tanto de alegorizar”, pergunta Calvino, “por que não consideram os apóstolos como os ‘pais’ cujos marcos não deveríamos remover? Jerônimo interpretou esse verso desta maneira e eles reconheceram isto em seus cânones”.<sup>16</sup> Observe, então, que o uso que Calvino faz de Provérbios 22.28 não prescinde da atenção ao contexto maior gerado pela aplicação do provérbio. Ao que tudo indica, seus oponentes pareciam estar colocando muita ênfase na expressão “remover”, à custa de uma interpretação mais alegórica do termo “pais”. Todavia, a definição de quem são os “pais” parece ser tão importante quanto a definição do que significa “remover”. Ao propor que os “pais” fossem identificados com os “apóstolos”, Calvino oferece ao rei da França uma perspectiva para ler a tarefa dos reformadores não como uma remoção de marcos antigos, mas sim de restauração desses marcos às suas posições originais.

No final desse prefácio ao rei, Calvino encerra suas palavras orando para que o Senhor, rei dos reis, estabeleça o trono do rei da França em justiça e equidade, citando nesse ponto Provérbios 25.5: “Tira o perverso da presença do rei, e o seu trono se firmará na justiça”.<sup>17</sup> Embora pareça um uso isolado, a seção iniciada no capítulo 25 de Provérbios é composta de provérbios de Salomão escolhidos a dedo pelos homens de Ezequias (cf. Pv 25.1), visando possivelmente a compilação de um material mais focado nos assuntos da corte. Quando analisamos o conteúdo desta seleção feita pelos homens de Ezequias, devemos concordar com Fox de que os textos citados nessa seleção não falam somente *de reis* ou *do expediente de seus palácios*, mas sim de uma palavra *para esses reis* e seus respectivos contextos.<sup>18</sup> Além disso, conforme Weeks demonstrou, estas passagens não representam nem a maioria daquilo que Provérbios discute em seu todo, nem a ênfase principal do livro. “Se a pergunta fosse ‘a literatura sapiencial está interessada em reis e palácios?’ então a resposta seria com certeza ‘sim’: tanto a literatura sapiencial anterior e posterior, bem como a pós-exílica, demonstram tal interesse, embora nenhuma delas dedique muito espaço a isto”.<sup>19</sup>

### 3. O CASO DE JÓ 5.17: O DISCURSO DE ELIFAZ

Os discursos dos amigos de Jó são vistos pelo próprio Deus com tendo contruído uma imagem final no “quebra-cabeça” que não correspondia à

<sup>16</sup> Ibid., p. 70.

<sup>17</sup> CALVINO, *Institutas*, p. 80.

<sup>18</sup> FOX, Michael V. The Social Location of the Book of Proverbs. In: FOX, M. V. et al. (Orgs.). *Texts, Temples, and Traditions: A Tribute to Manahem Haran*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1996, p. 227-39.

<sup>19</sup> WEEKS, *Early Israelite Wisdom*, p. 55.



verdade: “Tendo o Senhor falado estas palavras a Jó, o Senhor disse também a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque *não dissestes de mim o que era reto*, como o meu servo Jó” (Jó 42.7). Embora Elifaz, Bildade e Zofar tenham conseguido uma arrumação alternativa para montar o quebra-cabeça que explicasse o sofrimento de Jó, o quadro final pintado por eles não correspondia à verdade, diz o Senhor. É curioso observar que a perspectiva apresentada pelo Senhor no final do livro não qualifica o critério de avaliação daquilo que os amigos falaram como “uma péssima explicação do que acontecia com Jó”, mas sim de “palavras injustas a meu respeito [do Senhor]”! Ou seja, mesmo que lançássemos mão do argumento de que toda verdade é verdade de Deus, não poderíamos usá-lo aqui, já que aquilo que foi dito a respeito de Deus não era reto. Sendo assim, Calvino concentra suas citações em Jó especialmente nos discursos de Jó e do próprio Deus (o que inclui também a palavra do narrador na introdução e conclusão do livro).

No caso de Jó 5.17, todavia, a utilização feita por Calvino é difícil de ser sincronizada com aquilo que observamos até este ponto do estudo.<sup>20</sup> Nesse contexto, Calvino explica a distinção entre o castigo de Deus em vingança e o castigo que visa correção. Fique isso bem claro desde o início: a dificuldade de sincronização não é com o princípio explicado por ele; eu creio que a distinção é pertinente e verdadeiramente bíblica. A dificuldade está nos textos utilizados para fundamentar sua explicação. Provérbios 3.11-12 e Hebreus 12.5-6 estão indubitavelmente tratando do mesmo tema, compartilhando a mesma perspectiva e são exemplos perfeitos da utilização do tipo de peças de quebra-cabeça. Jó 5.17, contudo, esbarra no princípio da imagem final do quebra-cabeça. Conforme já mencionamos, o Senhor não achou que o discurso dos três amigos de Jó tivesse comunicado a idéia correta a seu respeito (Jó 42.7). Uma alternativa para a utilização do discurso de Elifaz seria usá-lo como se fosse um provérbio de estrutura compacta, fazendo uso apenas da idéia geral proposta no texto. Assim, as nuances negativas do discurso de Elifaz poderiam ser compensadas com os demais textos do cânon que tratam do mesmo assunto. Esta alternativa vai de encontro a um obstáculo a meu ver intransponível: Jó 5.17 não é um texto do tipo “provérbios compactos”.

Um levantamento da utilização do livro de Jó nas *Institutas* revela um parcial distanciamento do discurso dos amigos de Jó, especialmente em citações em que a passagem utilizada será o elemento principal na argumentação.

<sup>20</sup> CALVINO, *Institutas*, III.4.32.

<b>Trecho dos amigos de Jó</b>	<b>Texto bíblico</b>	<b>Trecho nas <i>Institutas</i></b>
	1.6	1.14.17; 1.14.19; 1.18.1
	1.12	1.14.17; 1.17.7; 2.4.2
	1.17	2.4.2
	1.21	1.17.8; 1.18.1; 1.18.3; 2.4.2
	2.1	1.14.17; 1.14.19; 1.18.1
	2.6	1.14.17
	3.9	3.12.1
Elifaz	4.17-20	3.12.1
	4.19	1.15.1; 1.15.2; 3.17.9
	5.13	1.5.8; 3.12.1
	5.17	3.4.32
	7.5	1.1.3
	7.8	4.17.23
	9.2	2.7.5; 3.12.2
	9.5-6	3.12.1
	9.20	3.12.5
	10.15	3.14.16
	12.18	4.20.28
	12.20	2.2.17; 2.4.4
	12.24	1.18.2; 2.4.4; 3.21.2
	13.15	2.10.19; 3.2.21
	13.28	1.1.3
	14.4	2.1.5; 3.12.5
	14.5	1.16.9
	14.17	3.4.29
	14.26	3.14.19
Elifaz	15.15-16	3.12.1; 3.12.5
Bilbade	18.17	2.11.2
	19.25-27	3.25.4
Zofar	20.3	1.17.2; 3.1.4
Eliú	25.4-5	2.7.5; 3.12.1; 2.14.9; 3.17.9
	26.6	3.12.1
	26.14	1.17.2
	28.21	1.17.2
	28.28	1.17.2; 3.2.26
	38.1ss	1.1.3
	41.11	3.14.5

No caso do longo discurso de Eliú (Jó 32-37), a admoestação encontrada em Jó 42.7 parece não incluí-lo na categoria daqueles que “não disseram de mim o que era reto, como o meu servo Jó”. A única admoestação que poderia ser aplicada a Eliú seriam as palavras iniciais de Deus em Jó 38.2: “Quem é este que escurece os meus desígnos com palavras sem conhecimento?”, já que o discurso de Deus põe um ponto final na fala interminável de Eliú. Mesmo que não tivéssemos nenhuma referência ao discurso de Eliú, o conteúdo daquilo que ele falou não difere em quase nada daquilo que os demais amigos de Jó falaram. Assim, o que vale para os três amigos deve valer também para Eliú. Em seus sermões sobre o livro de Jó, Calvino não comenta Jó 42.7. Será que a admoestação de Jó 42.7 se aplica apenas àquilo que foi falado a respeito de Jó? Em outras palavras, será que as palavras de Elifaz e seus dois amigos, se aplicadas a outra situação, seriam de igual modo reprovadas por Deus?

### CONCLUSÃO

O uso e a motivação de Calvino em utilizar porções das Escrituras de maneira meticulosa e informada deveriam servir como uma inspiração para os pastores e líderes de nossa época. A linguagem exegética das *Institutas* revela um vasto conhecimento do todo das Escrituras e a maneira como os detalhes se conectam para a formação de doutrinas que sejam biblicamente comprovadas. A distinção entre o lego e o quebra-cabeça deveria nos deixar sempre atentos ao modo como usamos as Escrituras em nossos sermões. O caso do discurso de Elifaz levanta uma questão muito mais séria do que imaginamos, ao mesmo tempo em que revela uma prática mais comum do que gostaríamos de ver, a saber, a *reutilização das Escrituras*. A reutilização das Escrituras dentro do próprio cânon, feita pelos autores bíblicos, é comumente chamada de intertextualidade e deve ser recebida pela igreja como palavra inspirada e inerrante. O apóstolo Pedro faz a reutilização de Joel 2.18 em seu discurso em Atos 2, interpretando o evento ocorrido no dia de Pentecostes com os olhos proféticos do profeta Joel. A *reutilização das Escrituras* fora do cânon, feita por autores que não são os autores usados na composição do cânon, deve ser recebida pela igreja depois de investigar o interesse e a natureza dessa reutilização. No caso da reutilização feita por Calvino de Jó 5.17, seu interesse é legítimo e oportuno, pois explica um tema defendido em outras porções das Escrituras. Quanto à natureza da sua reutilização, desencorajo imitações, já que o nível de conhecimento das Escrituras em nossos dias não se compara àquele observado na exegese de Calvino. Logo, o resultado pode ser desastroso.

### ABSTRACT

This article investigates the usage and motivation of John Calvin regarding the wisdom literature in the Old Testament, aiming to identify an exegetical underpinning governing his practice of quoting Scripture. Instead of compiling



a simple index of biblical passages, this study is after paradigms in the way the reformer builds his argumentation in the *Institutes*. The present study wants to make a contribution to the renewal of interest in wisdom literature in the Old Testament, an interest that follows some steps of the exegetical outlook of the great reformer John Calvin.

**KEYWORDS**

Wisdom literature; John Calvin; Intertextuality.

